

PORTUGAIS

Commenter en portugais le texte suivant et le traduire de « Eu por mim confesso que tinha o maior acanhamento... » jusqu'à « ... Cadê os retirantes ? ».

5 TODO nordestino fica danado da vida quando pessoas a que ele dá importância vêm conhecer a sua terra nos meses de verão. Não é que ele não goste do verão. O verão para o nativo, é tempo muito agradável, sem chuvas nem atoleiros, o campo aberto multiplicado em caminhos, o leito dos maiores rios vadeáveis a pé enxuto, convidando ao nomadismo que ainda está tão perto de nós, já que nós mesmos ainda estamos tão perto do índio andejo.

E no verão não há moscas, nem mosquitos, nem mutucas, nem muriçocas, nem friagem, nem frieiras, nem dor-d'olhos, nem papocas roxas, nem defluxos, nem reumatismo.

10 Nem trabalho. Porque em pleno verão acabada a colheita do feijão e do algodão, virado o milho; quando ainda não se começaram os remotes de cercas, a broca e a coivara dos roçados novos, há um período intermediário em que, literalmente, não se faz nada. Lá alguma desmancha de farinha, que é mais uma festa que um serviço. Ou moagem, nas raras fazendas onde há sítio de cana. O mais são os sambas, as cantorias, as viagens de recreio, o passar uns dias em casa de parentes distantes, as romarias em pagamento de promessas a Canindé ou ao Juazeiro. As novenas, os festejos dos santos, com barraquinha, leilão e foguete. E sanfona.

15 muita.
Mas tudo isso em família, não para estranho ver. Estranho chega e logo vai estranhando, como é natural. Aos olhos deles o sertão está horrível, seco, cinzento, sem folha verde à vista, a catinga virada numa floresta de garranchos. O gado fica magreirão, é claro, pois só come capim seco e o resto da palha do legume nas capoeiras. Os açudes baixam, os rios deixam de

20 correr, as águas não são tão cristalinas, muita gente se abastece nas grosseiras cacimbas que são apenas grandes buracos rústicos cavados na areia, sem paredes de alvenaria ou quaisquer obras de arte. Tudo improvisado e perecível — tudo provisório, como o próprio verão.

Provisório. É essa a palavra que os estranhos não entendem. Que a secura, a falta de verde, as águas baixas, tudo é provisório e salutar.

25 Eu por mim confesso que tinha o maior acanhamento em mostrar o sertão na quadra seca ao pessoal da Bahia pra baixo. Só depois que conheci a nudez de outono e inverno em outras latitudes foi que perdi a cerimônia. Esse negócio de mata tropical, permanentemente verde e úmida, é coisa subdesenvolvido, que não conhece as alternativas das estações; para eles é sempre uma coisa só. Mas nas terras civilizadas da Europa e Norte-América, o ritmo é

30 semehante ao nosso, no Nordeste. Folha nasce e folha cai no tempo certo e ninguém na
Alemanha ou na Escócia se lembraria de ter vergonha de mostrar aos de fora a nudez das
árvores ou a grama queimada e morta. Aliás, foi só isso que vi nos famosos campos da
Inglaterra — os relvados secos, o arvoredado nu. Era o fim de outono. Também no Vermont, nos
35 Estados Unidos, e, novembro, meu Deus, não fosse o testemunho das estrelas no céu, tão
diversas, e o povo todo falando inglês, e a comida inconfundível, a gente podia jurar que
aquele novembro era em pleno sertão do Quixeramobim. O chão cinzento, a mata rala
desfolhada, os bichos comendo capim seco, as águas escassas depois dos calores do verão.
A terra como adormecida esperando o despertar para desabrochar. Tal e qual como nós.
40 A única diferença era a espera da neve e do frio — e nisso nós levamos vantagem, pois ninguém
pode comparar o conforto da ventilação marinha que nos banha a terra toda, o sol claríssimo,
os lindos luares, as noites frescas, as madrugadas esplendorosas, com o frio e umidade e a neve
nos telhados e o gelo no chão, e tudo trancafiado a tiritar, procurando aquecimento.

Mas vem aqui algum carioca, ou paulista, ou goiano, na quadra estival, para nós
tão propícia e logo exclama: — Que horror! Como se pode viver assim? Coitada da gente!
45 Cadê os retirantes?

Não sabem que retirante é assunto de seca, e verão não é seca. Não sabem que é por
causa do verão que nós praticamente não conhecemos moléstias, não sabemos o que é
impaludismo, boubá, mal-de-chagas, febre amarela, aqui não dá berne no gado, e, se aparece
alguma aftosa ou raiva, é sempre trazida de longe.

50 Mas não adianta explicar, que eles não entendem. Vêm um rio seco, não pensam que é
uma ocorrência sazonal, regular, se espantam, acham que houve calamidade. O rio secou!

Não sabem que nos calores do verão a terra dorme e os homens folgam. Pra depois
rebentarem em flor e fruto, com as águas novas.

Rachel DE QUEIROZ (1910-2003), *Verão* (revista *O Cruzeiro*, anos 1960),
in : *Elenco de Cronistas Modernos*, Rio de Janeiro, Liv. José Olympio, 1984.